

LEMBRANDO MANUEL FERREIRA E O SEU *O SANDINÓ E O CORÁ*

Glória Bastos*

Manuel Ferreira nasceu em 1917, na região de Leiria¹, e a sua vida ficou marcada pelo percurso feito enquanto militar, situação que o levaria a Cabo Verde, a Angola e a Goa, entre 1941 e 1967, para além de períodos vividos em Portugal.

Mas foram sobretudo os 6 anos que viveu em Cabo Verde que o despertaram para a área em que se viria a destacar enquanto estudioso, concretamente, as questões relacionadas com as literaturas africanas de língua portuguesa e a presença do português em África, sendo de destacar o ensaio de 1988 intitulado “Que Futuro para a Língua Portuguesa em África?”.

Como aponta João Bonifácio Serra, na sua biografia de Manuel Ferreira, o ano de 1938 é um marco decisivo. Detido pouco antes de perfazer 21 anos, foi entregue à Polícia Política, acusado de envolvimento em tentativa de insurreição militar no seu regimento, Metralhadoras 2 de Coimbra. Durante mais de um ano, permaneceu nas cadeias do Porto e de Lisboa, até ao julgamento, pelo Tribunal Militar Especial de Santa Clara, que o absolveu. Foi na prisão do Porto que conheceu Joffre Amaral Nogueira, um jovem intelectual comunista, de Coimbra, com o qual se terá iniciado na filosofia marxista. Despertado então o seu interesse pelos temas sociais e políticos, aproximou-se do movimento neorrealista, que dava os primeiros sinais com a publicação de textos de Alves Redol, Manuel da Fonseca, Joaquim Namorado e Mário Dionísio.

Quando chegou ao Mindelo, em finais de 1941, deu-se conta da existência de um ambiente cultural intenso e da densidade do movimento literário que se afirmara em Cabo Verde a partir de 1936, com a revista *Claridade*.

* Universidade Aberta.

¹ No âmbito das comemorações do centenário do seu nascimento (em Gândara dos Olivais, Marrazes, Leiria, a 18 e Julho de 1917), foi organizada uma exposição nas Caldas da Rainha, no Museu José Malhoa, sobre a vida e obra de Manuel Ferreira, entre outras manifestações alusivas ao escritor. A Câmara de Leiria atribuiu também a medalha de outro da cidade ao homenageado, a título póstumo.

Dois dos principais nomes da literatura e do pensamento dessa geração, Baltasar Lopes e Aurélio Gonçalves, eram professores do Liceu, que Manuel Ferreira, então furriel, entretanto frequentou, quer como aluno quer como companheiro de tertúlias dos estudantes mais velhos. O envolvimento de Manuel Ferreira com a paisagem urbana e a vida social mindelense foi muito para além do que se poderia esperar de um militar destacado para a ilha de S. Vicente. Ali estimulou o lançamento de uma nova revista, *Certeza*, que a censura viria a proibir, após o segundo número.

O itinerário cívico e intelectual de Manuel Ferreira combinaria estas duas traves mestras: a integração na cultura neorrealista e uma proximidade participante na construção da identidade cabo-verdiana. Começa também a construir a sua trajetória enquanto escritor, estreando-se em 1944 com o volume de contos *Grei*, publicando a seguir o romance *A Casa dos Motas* (1956), obras que se integraram na corrente neorrealista. Recebeu os prémios Fernão Mendes Pinto, em 1958, por *Morabeza*; Prémio Ricardo Malheiros, em 1962, por *Hora di Bai*, e o Prémio da Imprensa Cultural, por *A Aventura Crioula*, em 1967.

Um apontamento ainda para o facto de, na primeira metade da década de 60, o escritor ter sido chamado a desempenhar funções de relevo da Sociedade Portuguesa de Escritores, nas presidências de Ferreira de Castro e Jacinto do Prado Coelho. Foi um período de grande atividade e repercussão das iniciativas da organização, que viria a ser dissolvida em 1965, depois que se soube que o prémio de novelística do ano tinha sido atribuído à obra *Luuanda*, de Luandino Vieira, então encarcerado no Tarrafal.

Paralelamente à sua atividade na área da escrita para adultos e no ensaio, Manuel Ferreira foi igualmente marcando presença como escritor para os mais novos, e é sobre esta vertente do seu labor enquanto escritor que nos vamos deter.

O seu primeiro livro neste domínio foi exatamente *O Sandinó e o Corá*, que vamos olhar com mais detalhe, publicado pela primeira vez em 1964, com uma segunda edição em 1970. Seguiram-se: *No Tempo Em Que os Animais Falavam* (1970); *A Maria Bé e o Finório Zé Tomé* (1970; 2.^a edição em 1972); *A Pulseirinha de Oiro* (1971; 2.^a edição em 1973); *Vamos Contar Histórias?* (1971); *Quem Pode Parar o Vento?* (1972; 2.^a edição em 1977) e *O Gato Branco e o Gato Maltês* (1977, corresponde à 2.^a edição de *Vamos Contar Histórias?*).

Quase todos estes volumes voltaram a ter várias reedições pela Plátano Editora (criada em 1972), então marcante na área da edição para crianças. No campo da ilustração, alguns nomes relevantes nesse domínio, nomeadamente Leonor Praça, deixaram também a sua marca nos livros para a infância de Manuel Ferreira.

Foquemo-nos agora no livro que é pretexto para esta evocação. Publicadas pela primeira vez na coleção “Carrocel”, que pretendia trazer, no início dos anos 60, ventos de renovação à literatura para crianças em Portugal, as histórias de *O Sandinó e o Corá* revelam então ao jovem leitor contos de inspiração tradicional africana.

O volume integra cinco contos breves, e ressalta a forma como o autor recria temas e motivos da tradição oral e popular, em que a dimensão moralizante que os caracteriza se associa a um registo também marcado pelo humor, o que contribui para a construção de uma atmosfera aprazível para a leitura (lida ou dita).

O contexto africano é evocado não só em termos lexicais, com a utilização de palavras que remetem para esse universo, pelo seu eco exótico – o título do conto que dá nome ao volume é um exemplo (o leitor, não conhecendo de imediato o referente para os dois termos, antecipa a sua ligação a um outro universo diferente do seu) – como também pela inclusão de elementos concretos que situam a ação no espaço do continente africano.

É o caso de certos referentes que concretizam esse contexto, por vezes com uma nítida função informativa. Por exemplo, logo no início da história do Sandinó se diz que «a sua grande tentação era meter-se na aldeia dos Mandingas, uma das raças da Guiné» (p. 7), e se remete também para locais e tempos específicos: «cubata» ou «as noites longas no sertão» (conto “A serpente da floresta”, p. 45 e 46, respetivamente). Também temos os animais que surgem na ação e que são característicos dos habitats africanos: o leão, a gazela, o cavalo-marinho (hipopótamo), o elefante, que contraceenam com outros mais próximos do contexto europeu e da sua fabulística, como o coelho, a lebre, o cágado ou o lobo.

Salienta-se ainda uma certa forma de narrar, próxima do registo do contador de histórias. Neste sentido, surgem determinados marcadores conversacionais, como o uso da primeira pessoa ou da menção textual a um destinatário. Vejamos alguns exemplos: «Curioso como eu nunca vi, este Sandinó!» (p. 7); «Espertalhão este coelhinho bravo. E já vão ver porquê» (p. 7). Ou ainda, no conto “O coelho espertalhão”: «O leão abriu o cesto para entregar os caçapitos ao gato bravo mas em vez de caçapos o que havia de acontecer, amigos!» (p. 20).

Estas ocorrências podem também ser encontradas noutros livros do autor. A título ilustrativo, citamos um trecho do conto “A Rã que tinha medo das lagoas” do livro *A Pulseirinha de Oiro*: «Vocês conhecem aquela história da Rã que tinha medo da água? Eu conto. Um dia um macaco apanhou uma Rã...» (p. 39). São também comentários pessoais, expressões emotivas (a exclamação) que revelam a interferência de um ‘eu’ narrador: «No caminho porém encontrou um coelho. Um coelho que não era um coelho era um coelhão» (p. 17-18).

Importa sublinhar que no caso desta presença de um 'eu' como testemunha, o ângulo de apreciação dos factos é necessariamente mais limitado, por confronto com um narrador onisciente que domina toda a ação. De facto, muitas vezes a história coloca-nos perante uma perspetiva, um determinado ponto de vista, a partir da ação de uma certa personagem, como acontece nas seguintes passagens, em que a exclamação final remete diretamente para a ligação afetiva entre o Sandinó e o seu corá:

Daí em diante, o ladino Sandinó nunca mais teve parança em casa. Mal nascia o Sol, mal o Sol rompia na floresta, fugia para o mato e por lá se deixava ficar o dia inteiro. De Inverno, de Verão. Em qualquer época do ano, lançando na floresta sons que lembravam frutos e flores e amor. Ah, que maravilhoso *corá!* (p. 10-12)

[...]

O Sandinó espiava-lhe aqueles olhos gulosos e os dentes muito afiados. Meu querido *corá!* (p. 12)

Esta intromissão de um 'eu' narrador encontra-se igualmente em histórias dos restantes volumes de contos escritos por Manuel Ferreira. Apenas como exemplos, registamos ocorrências do livro *A Pulseirinha de Ouro*: «O Coelho ficou sozinho e a Onça, que se saiba, nunca mais o importunou» (p. 20); «O macaco, toda a gente o diz, é doido por banana. Toda a gente o diz e é verdade...» (p. 31); «Pois bem esta história que vou contar-vos passou-se com um macaco. Com um macaco e por causa de uma banana» (p. 31).

Como características de escrita, a presença do humor, resultante das situações descritas, das próprias personagens ou do discurso, são marcas que percorrem não apenas as histórias deste volume mas também os contos que integram os diferentes livros do autor.

Um aspeto formal que assume igual relevância relaciona-se com certos efeitos de linguagem, como o recurso a rimas ou à criação de paralelismos fónicos (por exemplo, aliterações) e estruturais, que dão dinamismo à narrativa e contribuem para acentuar uma certa dimensão de oratura intrínseca ao conto tradicional oral. No conto que dá o título ao volume vejam-se os seguintes exemplos: «Porque o Lobo-Lobão anda de noite e de dia, de cá para lá, de lá para cá, metido na floresta, à procura do *corá!*» (p. 10); «Com este chifre, fica sabendo, espeto a barriga do Lobo-Lobão comilão e vai para a cova no caixão!» (p. 13); «Lobo-Lobão comilão, julgas-te esperto e é um patetão!» (p. 13). Ou ainda, na história "O coelho espertalhão": «Com mil cautelas e manhas mil conseguiu meter as abelhas dentro do cesto» (p. 18); «Saltaram lá de dentro, num zumbir ensurdecido, centenas, milhares de abelhas que invadiram toda a casa, zunindo, investindo, doidas, furiosamente doidas, às ferroadas, ao leão e ao gato Bravo» (p. 20); «Raivoso pelas ferroa-

das, raivoso pela partida do Coelho, raivoso por terem tido a ousadia de fazer pouco de quem se considerava o rei dos animais» (p. 20).

Quanto à presença de rimas, se no volume *O Sandinó e o Corá* temos sobretudo rimas internas em certas construções frásicas, já no volume *A Pulseirinha de Ouro*, deparamos com uma maior diversidade de ocorrências:

Venham ver/ Venham ver/ O tambor/ Cantador
E a menina lá de dentro respondia cantando:
A pulseirinha de ouro perdi/A tartaruga me apanhou
Aqui ando aqui sofro/A mãe bem me recomendou (p. 8-9).

[...]

A raposa enquanto fugia gritava:

Sou o bicho matagal que veio das matas matagais e conseguiu matar a sede enganado a Onça palonça (p. 28).

[...]

Tronco, tronquinho do meu coração, tem pena do macaco e dá-lhe a banana que caiu nesse buracão (p. 32).

Do livro *A Maria Bé e o Finório Zé Tomé*, no conto “Quem muito corre pouco discorre”, vejam-se também os seguintes exemplos, representativos de uma escrita atenta ao papel que a linguagem pode desempenhar na sedução do leitor/ouvinte: «Não te esqueças de levar uma sacola bem grande para a trazermos cheia de feijão disse-lhe o Cágado. Vai ser um farturão» (p. 30); «Coelho safate malvado!/ Senão és apanhado/ Tu está atrás, eu estou adiante/ vem aí a Gazela galopante» (p. 34); «Desta vez o coelho ainda fugiu. Não corria, voava, desarvorava» (p. 33).

A propósito destes usos da linguagem, recordemos a proposta de Paul Zumthor (1983) que relativiza uma visão disjuntiva entre oralidade e escrita ao afirmar ser o lugar dos códigos literários o da ‘voz’ que a palavra escrita tem de recuperar. Na verdade, esta intromissão de vertentes que por vezes se associam mais ao domínio da produção oral do conto são recuperadas de forma exímia por Manuel Ferreira, conferindo aos seus pequenos contos a sua marca de mestre. Uma marca que, refira-se, tem também sido identificada em relação a vários dos seus romances, que se socorrem igualmente de um registo oralizante.

* * *

Finalmente, apontamos algumas dominantes temáticas que perpassam os contos do volume *O Sandinó e o Corá*, mas também dos restantes livros de contos para crianças de Manuel Ferreira. Dentro do pendor moralizante que caracteriza os contos de animais, encontramos dois cruzamentos que gostaria de destacar. Um primeiro aspeto relaciona-se com as questões do exercício

do poder. O domínio dos mais fortes sobre os mais fracos – e tratando-se de personagens animais esta dicotomia materializa-se no domínio dos grandes sobre os pequenos – constitui uma constante nestas histórias. A encenação deste desnível é muitas vezes construída logo no início da narrativa. Com frequência esta luta cruza-se com a problemática da comida. Este facto não pode deixar de nos levar a fazer um paralelo com a obra para adultos de Manuel Ferreira, e designadamente as preocupações sociais, na linha neorealista, que caracteriza a sua escrita. A fome e a seca são também temas que encontramos na ficção para adultos, nomeadamente nos designados romances cabo-verdianos, como *Morabeza*, *Hora di Bai* ou *Voz de Prisão*.

Vejam os alguns exemplos. No conto “O Elefante e o Cavalo-Marinho em apuros com a Lebre”, do volume *O Sandinó e o Corá*, remete-se para as questões de poder e da força e a injustiça social na repartição dos bens comuns: «Esse desentendimento vinha, ao que se conta, de velhas questões de comida entre eles. A Lebre, que era dos três animais o mais fraco, ficava sempre mal ao repartirem as refeições» (p. 31). No livro *Quem Pode Parar o Vento?*, no conto com o mesmo título, retoma-se esta problemática, de forma ainda mais explícita:

Viviam numa aldeia africana, metida lá no meio da floresta, muitos animais [...]. De um modo geral entendiam-se bem e procediam entre si como bons amigos. Outras vezes, porém, os mais fortes abusavam da sua força contra os mais fracos. Então os mais fracos defendiam-se usando da sua inteligência para se defenderem dos mais fortes, nem de outra maneira podia ser. Entre os mais fracos alguns havia que se distinguiam na sua luta contra os poderosos. Eram eles por exemplo, o coelho, a lebre e o cágado (p. 7).

Este excerto remete-nos para a velha questão da vitória da inteligência, pelos mais fracos, os mais pequenos, perante os mais fortes. É sempre esta a situação que vamos encontrar: o Coelho que vence o Lobo-Lobão; a Lebre que vence a Onça, ou o Elefante, ou o Leão. O Cágado que triunfa sobre a Gazela... E no fim, o que fica ainda? Fica o tema do sonho, da procura da concretização do sonho, seja de uma vida melhor para a família, como em *Hora di Bai*, seja no desejo de possuir um Corá e a sua música:

O Sandinó... Há muito que, pacientemente, juntava pauzinhos para fazer um corá. Com o qual desejaria passar o dia inteiro a tocar modinhas que ele aprendera com os Mandingas. [...] Ah, pudesse o Coelho mandinga arranjar-lhe o que ele tanto ambicionava! Pudesse ele, e o Sandinó seria o bicho mais feliz daquelas redondezas (p. 8).

Bibliografia

- Almeida, Adriano Guilherme de, *Vozes Subterrâneas. Embates Discursivos Em Angústia, de Graciliano Ramos, e Voz de Prisão, de Manuel Ferreira*, Dissertação de Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, 2015.
- Jolles, André, *Formes Simples*, Paris, Éditions du Seuil, 1972.
- Ferreira, Manuel, *O Sandinó e o Corá* (il. Ana Duarte de Almeida), Lisboa, Plátano Editora, 1981 [1.ª ed. 1964].
- Ferreira, Manuel, *Maria Bé e o Finório Zé Tomé* (il. Leonor Praça), Lisboa, Plátano Editora, 1980 [1.ª ed. 1970].
- Ferreira, Manuel, *A Pulseirinha de Ouro* (il. Ana Duarte de Almeida), Lisboa, Plátano Editora, 1983 [1.ª ed. 1971].
- Ferreira, Manuel, *Quem Pode Parar o Vento?* (il. Cristina Malaquias), Lisboa, Plátano Editora, 1982 [1.ª ed. 1972].
- Mata, Inocência, “Gêneros narrativos nas literaturas africanas de língua portuguesa – entre a tradição africana e o ‘cânone ocidental’”, *SCRIPTA* 37, Vol. 19 (Belo Horizonte, Minas Gerais/ Brasil, 2015) p. 81-96. DOI: 10.5752/P.2358-3428.2015v19n37p81
- Serra, João Bonifácio, “Manuel Ferreira (1917-1992)”. Acedido em <https://www.facebook.com/FascismoNuncaMais/posts/manuel-ferreira-1917-1992-nota-biogr%C3%A1fica-da-autoria-de-jo%C3%A3o-b-serracompleta-se-/1225436060899104/>
- Zumthor, Paul, *Introduction à la Poésie Orale*, Paris, Editions du Seuil, 1983.